

Invisibilidade da Mulher na História Do Pensamento Geográfico: o caso de Mary Arizona (Zonia) Baber¹

José Vandério Cirqueira

do Instituto Federal de Brasília - Campus Riacho Fundo – Brasília – DF – Brasil
vanderioifg@gmail.com

Wallace Vitor Leão Feitosa

do Instituto Federal de Brasília - Campus Riacho Fundo – Brasília – DF – Brasil
vanderioifg@gmail.com

Resumo: A geografia estadunidense do final do século XIX e início do XX foi pioneira em abrir portas para a participação da mulher nos espaços acadêmicos institucionalizados. Apesar da imposição de papéis de gênero, as geógrafas protagonizaram grandes avanços nas pesquisas, no ensino e no pensamento geográfico. Este trabalho tem como proposta trazer à superfície a presença de Mary Arizona Baber, conhecida como Zonia Baber. Esta geógrafa vai se engajar na militância feminista e na luta por espaço profissional da mulher, bem como, pela presença feminina nos espaços acadêmicos da geografia tradicional de sua época. Foi pioneira em constituir uma geografia de autoria feminina comprometida com a luta de libertação da mulher. Bem antes do giro radical da geografia feminista e de gênero, que é do final dos anos de 1980, Baber já trazia rupturas à sua época e reflexões emancipatórias frente uma geografia patriarcal e misógina. Todavia, sua obra foi duramente negligenciada, sofrendo invisibilidade e violência epistêmica pelo cânone institucional ortodoxo da historiografia geográfica. Cartografar a trajetória dessa geógrafa negligenciada pela historiografia dominante torna-se fundamental para que se possa refletir acerca do emudecimento das mulheres na teoria do conhecimento geográfico.

Palavras-chave: Invisibilidade da mulher. História da geografia. Zonia Baber.

Introdução

A discussão acerca da ausência ou invisibilidade das mulheres na ciência foi abordada durante grande parte da segunda metade do século XX (MENEZES, 2013). É um consenso, no entanto, para todas as correntes que a ciência é um campo de poder e que as mulheres têm estado em desvantagem nessa disputa por espaços de saber/poder, usando a investidura trazida por Michel Foucault (2012), genealogia essa adversa (ONFRAY, 2008; FEYERABEND, 2011) ao que convencionalmente foi sendo feito pela historiografia tradicional.

¹ Este trabalho é fruto da pesquisa de iniciação científica intitulada *(In)visibilidade da mulher na história do pensamento geográfico (1845 – 1945): violência epistêmica e emudecimento nos manuais de história da geografia*, referente a bolsa IFB, edital nº12/RIFB, de 02 de maio de 2019, projeto de pesquisa desenvolvido no GEOTECER – Grupo de Pesquisa Geografia, Território, Ensino e Cerrado.

As discussões aqui traçadas não buscam condicionar, vincular ou tomar emprestado as proposituras diante ou a partir da perspectiva feminista crítica ou das suas demarcações acerca de um posicionamento ético-político, caso das geografias feministas e de gênero, em razão de respeitar esse lugar de luta e de resistência das mulheres. Neste caso, a postura adotada visa pautar a discursividade acerca da historiografia tradicional e sua atuação restritiva que promove a negligência de certos pensamentos e contribuições ao campo teórico da geografia. Apesar de estas geografias serem dotadas de debate de gênero, mesmo estando vinculadas ao espectro tradicional da geografia, no caso desta pesquisa, optou-se por escolher o caminho que investiga a negligência dessas contribuições, convertidas ao esquecimento e à invisibilidade.

Por isso, a exposição acerca da presença das mulheres na ciência, com ênfase ao caso da geografia, é de suma importância, considerando a heterogeneidade e a diversidade tão pouco difundidas no período, bem como a singularidade manifestada através das produções literárias analisadas. Desse modo, é um estudo que se vincula à história do pensamento geográfico, ao debate acerca do apagamento historiográfico, e não estudo de geografia de gênero, de geografia feminista e suas metodologias de análise, mas de autoria feminina, apesar de coadunar com a postura política combativa das mesmas geografias e de luta por espaço e igualdade.

A chegada do Iluminismo e o avanço técnico-científico evidenciou o grande poder da educação, da ciência e da cultura para a construção de uma outra imagem acerca da mulher. A mulher passou de bruxa, detentora de saberes e práticas milenares, a uma das únicas responsáveis pela criação dos filhos, submetida ao espaço privado sobre a hegemonia do espaço público androcêntrico, uma vez que o aspecto maternal foi associado à natureza biológica (MENEZES, 2013).

O século XIX é marcado pela profissionalização da ciência e a instauração de um código, constando normas de conduta e escala de valores e hierarquias. Com estas mudanças, as mulheres experimentaram novas dificuldades para se inserirem nessa instituição de caráter patriarcal, elitista e ortodoxo. Elas tiveram que desenvolver novas estratégias de enfrentamento e uma delas foi à participação silenciosa nas pesquisas através de familiares e companheiros.

Para fundamentar a pesquisa é de suma importância, destacar os principais resultados neste campo de estudos e as pesquisas em andamento sobre o tema, como por exemplo, Joseli Maria Silva (2009), aqui no Brasil, em que destaca o silenciamento produzido pela historiografia tradicional, além de elencar as metodologias e epistemes que estas geografias feministas estão produzindo nas últimas décadas. Já Doreen Massey (1994, 2009), argumenta sobre a natureza falocêntrica e heteronormativizante de produzir o espaço geográfico e, conseqüentemente, de pensar a geografia, sendo assim, uma ciência com discurso

eminentemente masculinizado, impregnado de narrativas unilaterais sobre as questões de gênero, havendo necessidade de produzir reflexões sobre espaço e mesmo do caráter do geográfico fora dessas concepções patriarcais. De forma pioneira McDowell (1999) e demais mulheres nos Estados Unidos, vão avançar muito os estudos da geografia feminista, de gênero e mesmo da discussões pós-coloniais. Mais recentemente, Blunt e Wills (2000), vão produzir a importantíssima obra para o tema em questão, *Dissident geographies*, e construir importantíssimo continente dissidente na geografia contemporânea (CIRQUEIRA, 2018), agora partindo da ruptura com a geografia despersonalizada das questões de gênero, corpo e sexualidade.

A questão que merece ser destacada é que estes recentes estudos feministas em geografia não mencionam as geógrafas do passado. Estas pesquisas não buscam recuperar suas contribuições ou mesmo reconhecer o valor dessas geografias por verificar certa incompatibilidade entre as geografias clássicas e o atual projeto de geografia feminista de hoje (SILVA, 2009). Em *Geografias subterrâneas*, Cirqueira (2018), elenca diversas contribuições que se apresentam no século XIX, trazendo à tona muitas mulheres que fizeram abordagens geográficas consideráveis, com leituras feministas do urbano, caso de Flora Tristan, abordagem anticolonial e da libertação das mulheres, exemplo de Louise Michel e Emma Goldman, dentre outras. A questão premente que dificulta esse debate é que estas mulheres não eram geógrafas de formação, e não estavam diante de cátedras geográficas tradicionais da época. Eram viajantes, revolucionárias e militantes do feminismo radical, que por sua vez, fazem reflexões de cunho geográfico para seu tempo.

É justamente neste ponto que esta proposta de pesquisa se assenta. Partimos das análises oficiais contidas nos manuais de história da geografia e identificamos a pouca presença da mulher nessa geografia clássica. A partir do momento que se verificou essa inexpressiva participação da mulher na história oficial da geografia, buscamos investigar quais mulheres figuraram no período clássico, o que causou a visibilidade destas poucas e no que constituiu o silenciamento das demais. Nestes termos, o trabalho pretende contribuir diretamente com este hiato deixado pelos recentes estudos em geografia, almejando reconstruir uma história fragmentada, perdida ou nos subterrâneos das mulheres geógrafas.

Mulheres invisibilizadas na história da ciência

A invisibilidade causa o que Spivak (2018), mulher não branca indiana, ícone dos estudos descoloniais, definiu como violência epistêmica. Para a autora, o cerne deste tipo de violência é o silenciamento, o que ela busca definir de emudecimento. Ela ocorre em vários

níveis produzindo a subalternidade de classe, gênero e raça, mas sua fonte é a perspectiva da dominação imperial. Para Lugones (2014), a abordagem imperial vista como uma colonialidade do poder é essencialmente uma colonialidade de gênero. Para ela, este é o desafio do feminismo descolonial, descolonizar o poder de gênero. Com isso, ela soma a noção imperial de Spivak o debate da colonialidade da mulher subalterna. No caso específico da mulher, o emudecimento e a violência epistêmica subalternizante aleija a mesma da possibilidade de produzir suas epistemologias, saberes, leituras e entendimentos de mundo. Se opera uma dominação acadêmico-institucional e teórico-metodológica inviabilizando a produção de saberes outros. Para a geografia, o emudecimento delas causou o silenciamento de certa produção geográfica de autoria feminina ou mesmo feminista e, conseqüentemente, a violência epistêmica, a impossibilidade de ouvir ou de deixar falar estas geografias não convencionais. Inaudíveis e emudecidas, pereceram no esquecimento.

Com orientação parecida, a obra *Geografias Subversivas* (SILVA, 2009) traz em sua essência uma discussão sobre o importante papel que a subversão possui como uma conotação política, que perturba e desafia a instituição, padrão dominante de um saber científico moderno e euro-norte-americano-centrado do sistema de dominação. Essa reflexão busca contribuir para a desconstrução do discurso científico que sustenta as teias do saber/poder reinante em nossa sociedade, mediante a construção de visibilidades de grupos sociais e fenômenos que foram negados e repudiados pela perspectiva da modernidade colonial.

A historiografia da geografia brasileira evidencia as ausências e silêncios desses grupos no discurso científico. É preciso frisar, contudo, que não basta a simples inserção de recortes sociais considerados incomuns no campo da geografia; é necessário construir um fazer científico que desestabilize a posição do(a) pesquisador(a) ao falar pelos(as) outros(as) ausentes. Outras áreas do saber, no mesmo período, também foram constituídas com base em estudos feitos majoritariamente por homens.

Na interrelação do período em questão ao atual momento histórico, conforme demonstra Londa Schienbinger (2001), deve-se evitar a todo custo as armadilhas clássicas das perspectivas biologizantes estereotipadas sobre papéis de gênero nos estudos científicos. Embora existam métodos alternativos de conduzir pesquisas, eles não estão diretamente relacionados a sexo ou qualidades “femininas”. Um pesquisador, por exemplo, pode colocar novas questões, mas irá respondê-las usando métodos históricos padrão de sua área tais como pesquisa de arquivos, análises textuais ou demográficas e comparação de evidências.

Conseqüentemente, ao tentar tornar visíveis mulheres emudecidas pela historiografia ortodoxa, podemos pesquisar a partir de fontes indiretas aplicando uma nova proposta de pesquisa para ampliar questões de gênero, mas sempre através de métodos derivados de longos

anos de tradição de arquivos com materiais históricos, e não provenientes de um conjunto de “qualidades femininas de pesquisadora”.

Doravante as mulheres já não seriam vistas como meramente inferiores aos homens, mas como fundamentalmente diferentes e, portanto, incompatíveis a eles - fisicamente, intelectualmente e moralmente. A mulher privada, doméstica, emergiu em contraste ao homem público, racional. Enquanto tal, as mulheres eram consideradas como tendo seu próprio papel a desempenhar [...] - como mães nutridoras (SCHIEBINGER, 2001, p. 142)

Portanto, para corroborar essas afirmações acerca do papel da mulher na ciência do período, podemos citar o caso do astrônomo Edward Charles Pickering que, no início de 1877, contratou uma equipe de mulheres qualificadas para processar dados astronômicos, contribuindo para a sua missão de mapear o cosmos (BARROS, 2018). Diretor do Observatório de Harvard, Pickering acreditava que fotografias das estrelas capturadas pelo observatório trariam a chave para a compreensão do Universo. Precisando de mão de obra para examinar dados fotográficos do Observatório, ele fez uma escolha sem precedentes na comunidade científica: contratar uma equipe toda de mulheres para analisar os resultados, as chamadas *Calculadoras de Pickering*. Esse grupo de mulheres era chamado de calculadoras, pois faziam cálculos astronômicos utilizando-se de chapas fotográficas tiradas pelos astrônomos por meio de telescópios (BARROS, 2018). Pickering formou a equipe de mulheres depois que demitiu seu assistente, que tinha provado ser incapaz de acompanhar as exigências do catálogo de estrelas e substituiu-o por sua empregada, Williamina Fleming (1857 - 1911). A contratação dessas mulheres teve também um teor financeiro, muitas eram voluntárias, e as que tinham salário ganhavam por horas trabalhadas, o que era conveniente para elas, pois, algumas eram casadas e tinham filhos e esse tipo de contrato permitia um horário flexível. Recebiam entre 25 a 50 centavos por hora pelo seu trabalho, cerca da metade do salário de um homem no momento para semelhante trabalho (REED, 1892). Não obstante, a equipe de mulheres que trabalhavam para Pickering ainda eram tratadas como inferiores às suas contrapartes masculinas, além de sofrerem preconceitos e insinuações machistas corriqueiras em um ambiente acadêmico altamente misógino. Apesar dessas dificuldades, essas mulheres, trabalhando em equipe, conseguiram catalogar e nomear a maioria das estrelas que hoje recebem um nome, corroborando para um considerável salto científico da física, astronomia e tantas outras ciências que desse conhecimento se pautaram para evoluir.

Podemos também citar o caso de Lou Andreas-Salomé (1861 - 1937), uma ensaísta, filósofa, poeta, romancista e psicanalista nascida na Rússia Imperial. De família russo-alemã, viveu a maior parte da sua vida em outros países da Europa, especialmente na Alemanha. Dotada de uma intensa curiosidade intelectual, seu brilho e carisma pessoal aproximaram Lou

Salomé de alguns dos mais importantes pensadores e artistas de sua época, incluindo Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud, Paul Rée e Rainer Maria Rilke. Mas nem esse prestígio a desvencilhou do machismo e despotismo da época, forçando-a escrever seus poemas e ensaios iniciais assinalados como Henri Lou, um pseudônimo masculino para receber maior credibilidade perante a sociedade ortodoxa da época (SOUSA, 2016).

O caso de Marie Curie (1867 - 1934) é emblemático. Cientista, física e educadora polonesa naturalizada francesa, que conduziu pesquisas pioneiras em todo o mundo no ramo da radioatividade com auxílio de seu marido, Pierre Curie. Esta colaboração daria o prêmio Nobel de Física ao casal, em 1903, pelos avanços no conhecimento do mecanismo pelo qual alguns materiais emitem energia, a radioatividade. Enquanto o Nobel trazia para Pierre um emprego na prestigiosa Universidade de Sourbonne, Madame Curie continuava atuando como assistente de laboratório enfrentando o descrédito de colegas que jocosamente a chamavam de Madame Pierre Curie.

Marie Curie tornou-se um modelo popular de cientista, um mito em que muitos praticantes da ciência se inspiram. Nesse sentido, seu "caso" pode ser emblemático para se discutir tanto os problemas com mulheres e gênero nas ciências, quanto à singularidade das práticas que constituem a própria produção científica. Afinal, antes (e até depois) de Marie Curie, muitas mulheres se aventuraram no mundo científico, ora utilizando pseudônimos masculinos, ora trajando-se como homens de ciência como estratégia para passarem despercebidas pelo poder e conseguir certa notoriedade. Outras, ainda, enfrentaram as barreiras exaltando as qualidades das mulheres. Algumas "conseguiram" produzir suas pesquisas sozinhas, ou como assistentes de homens de ciência, maridos ou não, mas a grande maioria ficou invisível na história. (PUGLIESE, 2009, p. 19)

Enfim, temos vários exemplos de como a ciência do século XIX era predominantemente executada e mantida por homens. E quantas mulheres foram esquecidas por simplesmente não lhes darem os créditos por seus trabalhos, quantas ignoradas e até mesmo repudiadas mesmo sendo participantes de grandes momentos da historiografia científica, algo que não foi diferente na geografia.

A violência epistêmica da historiografia ortodoxa da geografia

O trabalho realizado pela historiografia dominante visa restringir ao máximo essas outras histórias presentes no sinuoso percurso de produção do saber geográfico, uma postura ortodoxa da historiografia (CIRQUEIRA, 2018). As narrativas sobre a concepção da geografia no mundo tendem a se concentrar em pesquisas e obras do pensamento geográfico de homens que foram vistos como figuras únicas e importantes para essa construção. Esse modelo de castração intelectual atua diretamente na fabricação de corpos dóceis e mentes frias,

protegendo o patriarcado ao mutilar os prazeres da emancipação dos gêneros; tutelando o patrimonialismo, ao construir muros feudais, justificando o direito de propriedade e a proteção à legalidade constitucional da classe dominante (CIRQUEIRA, 2018).

Examinando as carreiras das geógrafas do passado fica evidente que elas sofreram profunda violência epistêmica e emudecimento institucional e acadêmico-científico pela historiografia oficial. Gayatri Spivak pondera ainda que “mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir” (SPIVAK, 2010, p. 15). E ainda “Com respeito à ‘imagem’ da mulher, a relação entre a mulher e o silêncio pode ser assinalada pelas próprias mulheres.” (SPIVAK, 2010, p. 66).

A historiografia oficial nos apresenta a geografia moderna como uma ciência dotada de uma história relativamente recente, marcada por contribuições paradigmáticas delineadas por aqueles trabalhos eleitos (CIRQUEIRA, 2018). Sendo assim, para delinear nosso foco de pesquisa e apresentarmos dados mais concisos, além de delimitar o lapso temporal é preciso também circunscrever o espaço do foco de nossa pesquisa, que será a geografia estadunidense, em virtude de ter sido a dita escola nacional que pioneiramente abriu portas para as mulheres e que melhor atuou ativamente no período através de suas associações de pesquisa, sendo as mais importantes a *American Association of Geographers* (AAG) e a *The Geographic Society of Chicago* (GSC).

Para adentrar-se ao campo da violência epistêmica promovido pela historiografia ortodoxa da geografia podemos levar em consideração a relação de quantidade de homens e de mulheres que se filiavam à AAG desde sua fundação até o fim do período proposto. Observando esses dados, podemos verificar, na tabela 1, que, a diferença entre filiações por gênero masculino é realmente alta se comparamos às filiações por gênero feminino.

Desde a primeira metade do século XIX, muitas mulheres influenciaram o ensino de geografia antes que esta ciência se tornasse a disciplina como hoje a conhecemos. Na década de 1890, a geografia foi ensinada não apenas em escolas públicas e privadas de ensino básico, mas também em faculdades e universidades. Sociedades de geografia, associações e as primeiras revistas geográficas foram se estabelecendo, fazendo com que os estudiosos começassem a se engajar profissionalmente em pesquisas sistemáticas e redação de assuntos e classificação de dados geográficos.

Como já informado, embora a geografia fosse uma disciplina dominada por homens, entre 1890 e 2ª Guerra Mundial, um surpreendente número de mulheres contribuiu para o desenvolvimento de geografia e educação geográfica durante este período. Entre 1890 e 1932, cerca de 230 mulheres publicaram artigos no *Jornal de Geografia da Escola*, *Jornal de Geografia*,

e *Boletim da Sociedade Geográfica Americana* (que em 1915 tornou-se a revista *Geographic Review*), *Revista de Geografia Econômica e Diários do Ensino Fundamental* (PITTSER, 2007).

Tabela 1 - AAG Filiação 1904-1948

ANO	HOMENS	MULHERES	TOTAL
1904	46	2	48
1935	137	2	139
1940	160	3	163
1948	291	17	308

Fonte: MONK, J. Women, Gender, and the Histories of American Geography. *Annals* of the AAG, n° 1, march, 2004, p. 1 - 22.

Organização: Wallace Vitor Leão Feitosa, 2020.

A tabela 1 é clara em mostrar um período de 44 anos de funcionamento da AAG, onde temos uma diferença gritante na quantidade de novos filiados se analisarmos por gênero. Neste período a quantidade de homens contam 634 novos que se filiaram, enquanto no mesmo período contamos a quantidade de apenas 24 mulheres, contabilizando 610 homens a mais na associação. O que poderia ser levado em consideração para entendermos essa diferença discrepante senão a ortodoxia e o patriarcado intrínsecos na geografia imperial que muito interessavam as sociedades colonizadoras, neste caso, em especial os Estados Unidos da América.

A próxima tabela traz alguns nomes de geógrafas que se associaram à AAG neste período, mas que quase não se conhece suas biografias, suas criações, projetos científicos ou acadêmicos, pois a pesquisa demonstrou que muitos dos trabalhos eram difundidos com assinatura de homens e as mulheres como coadjuvantes da pesquisa para que pudessem ser aceitas e publicadas oficialmente.

Tabela 2: Afiliação de algumas das mulheres na AAG

MEMBRO	ANO DE ELEIÇÃO	AFILIAÇÃO	OCUPAÇÃO
Martha Krug Genthe	1904	Beacon School	Professora
Ellen Churchill Semple	1904	Louisville	"Nenhum"
Gladys M. Wrigley	1922	AGS	Editora
Helen M. Strong	1924	U.S. Department of Commerce	Agente Especial
Alice Foster	1939	University of Chicago	Instrutora de Estudo em Casa
Elizabeth Platt	1943	AGS	Bibliotecária
Edith Parker	1944	University of Chicago	Graduanda
Sophia Saucerman	1944	U.S. Department of State	Assistente de Geógrafo
Lois Oslon	1944	U.S. Soil Conservation Service	Conservacionista do solo
Ruth Baugh	1945	University of California (L.A)	Graduanda

Fonte: MONK, J. Women, Gender, and the Histories of American Geography. *Annals* of the AAG, n° 1, march, 2004, p. 1 - 22.

Organização: Wallace Vitor Leão Feitosa, 2020.

Cento e dezesseis anos depois da fundação da *Associação Americana de Geografia*, temos a certeza de que ainda é um momento apropriado para olhar para trás, explorar as suas histórias e refletir sobre o que eles podem significar para o futuro.

Antes de 1950, valores que ligavam prestígio e masculinidade resultavam na exclusão de geógrafas de universidades principalmente na pesquisa científica, embora tenham encontrado oportunidades nos cursos de formação de professores. Na era pós-segunda Guerra Mundial, mesmo quando o ensino superior se expandiu rapidamente, a representação das mulheres na profissão declinou substancialmente, influenciada pelo clima social em voga, que promovia a domesticidade e as prioridades do sexo feminino para se recrutar homens (MONK, 2004). Uma geografia expansionista do fim do século XIX, marcam a passagem do capitalismo à sua fase superior: o imperialismo. E o nascimento do imperialismo traduzir-se-á, no plano da política internacional, como uma intensa luta entre as potências imperialistas pela divisão dos continentes em zonas de influência. Dessa forma, a entrada do capitalismo em nova fase trará profundas transformações geográficas, no plano da realidade e, conseqüentemente, no plano do saber (MOREIRA, 1981).

Essa atmosfera definitivamente não era tão propícia para o desencantamento da mulher como geógrafa profissional. As histórias da geografia estadunidense tendem a se concentrar no pensamento geográfico que homens construíram sendo vistos como figuras importantes em qualquer pesquisa neste campo. Por outro lado, examinando as carreiras de geógrafas no período em análise, percebe-se o quanto a ciência geográfica poderia ter avançado anteriormente se as tivesse dado a visibilidade compatível as suas habilidades, seja em ensino e em pesquisa científica.

Se as geógrafas valorizaram aspectos particulares de seu trabalho e criaram distintivos o conhecimento coloca questões para uma maior exploração. Um breve olhar sobre as práticas e os significados da educação de campo ao longo do século sugere que essa experiência foi importante para as mulheres, mesmo quando tentativas foram feitas para excluir sua participação. Há também indicações de que as geógrafas traziam desproporcionalmente preocupações sociais para a disciplina (MONK, 2004).

Cartografando o sinuoso percurso de Zonia Baber

No intuito de diminuir essa lacuna é preciso trazer personagens que viveram um mesmo período histórico, que faziam parte do campo intelectual de uma mesma ciência e que, mesmo com essas semelhanças, tiveram graus diferentes de invisibilidade por parte da crítica intelectual que foram submetidas. Entendendo, essa importantíssima e necessária condição para atingir o objetivo de demonstrar de maneira mais clara possível como a violência

epistêmica pode ser, de certo modo, seletiva decidiu-se traçar percurso de recuperação da vida e obra da geógrafa Zonia Baber, para poder refletir acerca da invisibilidade que a mesma sofreu pela historiografia ortodoxa da geografia.

Na evolução da geografia acadêmica estadunidense, Mary Arizona Baber ocupa um lugar à parte. E nem poderia deixar de ocupá-lo, pois, os intelectuais que se propõem a estudar e divulgar a historiografia geográfica simpatizam pouco com as geógrafas puras da estirpe de Baber e tendem a julgá-las mais pelos valores ditos "morais" do que pelos valores inclusivos contidos em sua obra.

Baber não incidiu, em momento algum, no moralismo estreito e convencional de seus contemporâneos. Ativista refinada, criticou abertamente as banalidades acerca das exclusões que a ortodoxia acadêmica impunha sobre as geógrafas de seu período. Lutava tanto para a inclusão da mulher na vida acadêmica americana quanto na social e seus direitos civis igualitários.

Sobre essa resistente e combativa mulher, considerando a dificuldade em encontrar materiais biográficos em língua portuguesa, sabe-se que teve vida produtiva e engajada. Uma sensibilidade notável, aguçada pela paixão para com o ensino da geografia, encarregou-se de fazer dela a mudança, no sentido mais determinado da palavra. Ao combinar educação e ativismo, Zonia Baber fez da geografia um meio de unir, e não conquistar o globo.

Tendo esta direção como princípio, é possível afirmar que a geografia de Baber, de forma inaugural, no final do século XIX, é um pensamento de caráter científico e de engajamento militante, neste caso, o sufrágio feminista e a luta por espaço das mulheres no meio profissional.

Nascida em Illions, em 24 de agosto de 1862, logo após o colegial, frequentou o que era conhecido como "Escola Normal" - uma alternativa acessível à faculdade, que em grande parte treinou mulheres para se tornarem professoras. Essas escolas adotaram a geografia e ajudaram a produzir um grupo cada vez maior e especializado de professoras de geografia. Nesta mesma escola, em Chicago, Baber iniciou um relacionamento profissional com o diretor, Francis Wayland Parker. Parker também foi escritor de geografia e compartilhou as crenças progressistas de Baber sobre ensino e educação geográfica. E depois que Baber se formou, Parker a contratou como chefe do *Departamento de Geografia* da escola, em 1891. Enquanto dirigia o departamento de geografia da escola normal, Baber também frequentava aulas de geografia e geologia na Universidade de Chicago e até fez parte da primeira aula de geologia que permitiu mulheres no campo, em 1895.

No final do século XIX e início do século XX, Baber formalizou seus métodos progressivos de ensino e abordagem ativista da geografia que a diferenciam de outros

geógrafos contemporâneos. Em 1898, ela fundou a *Chicago Geographic Society*, que ao contrário de outras organizações profissionais priorizava mulheres oradoras na reunião e era aberta à comunidade. E em 1901, três anos antes de se formar oficialmente, Baber foi nomeada Professora Associada do Ensino de Geografia e Geologia no Departamento de Educação - não em geografia.

A abordagem de Baber à educação era holística: para ela, o que pareciam ramos díspares do conhecimento era, de fato, interdependente e deveria ser ensinado como tal a partir do ensino fundamental. "A compreensão dos fatos geográficos requer conhecimento de ciências, matemática e história, e exige expressão na leitura, escrita, modelagem, desenho, pintura e fabricação", escreveu ela na revista *Elementary School Teacher* (1904, p. 275).² Baber acreditava que três elementos pedagógicos principais poderiam realizar essa educação interdisciplinar, que ela expôs em um artigo de 1904, *The Scope of Geography*.

Primeiro, ela argumentou que as escolas precisavam tirar as crianças da sala de aula e de fora em seus ambientes. Os livros didáticos, embora úteis, não podiam ensinar aos alunos de geografia que enxergassem além de seu próprio ambiente e experiência imediatos; viagens de campo, especialmente em distritos escolares economicamente desfavorecidos, facilitariam um maior retorno intelectual. Baber (1905, p. 390 – tradução nossa) argumentou que "[a] medida do progresso no ensino de geografia não é mais fortemente marcada do que no uso do trabalho de campo".³

Mais tarde, quando argumentou em favor da preservação das dunas, ela construiu seu caso do ponto de vista da educação infantil no trabalho de campo em geografia. Quando as viagens de campo não eram possíveis, ela sustentava que os alunos precisavam de uma experiência prática com a ciência para ajudá-los a se conectar ao assunto em um nível mais pessoal, o que poderia ser realizado através de trabalhos de laboratório. Suas ideias sobre como conseguir isso eram muitas vezes criativas: em 1896, Baber patenteou uma mesa adequada especificamente para a geografia e suas "ciências afins", para que possam ser ensinadas "objetivamente por métodos avançados". A escrivaninha continha um receptáculo de argila, um poço de água e uma panela de areia, destinados a dar aos alunos os meios para criar suas próprias paisagens em miniatura. O terceiro elemento-chave da educação em geografia foi a criação de mapas. Para Baber, isso significava ensinar os alunos a entender que os mapas contêm símbolos que correspondem à realidade, a lugares reais e pessoas reais. O fracasso da professora em dar contexto aos mapas foi ela que escreveu, "um pouco menos que um crime

² "The understanding of geographic facts necessitates a knowledge of science, mathematics, and history, and demands expression in reading, writing, modeling, drawing, painting, and making"

³ "[t]he measure of progress in teaching geography is nowhere more strongly marked than in the use of fieldwork."

pedagógico". Em vez de copiar mapas, os alunos devem criar seu próprio método de mapeamento enquanto implementam convenções aceitas de linhas de hachura, sombreamento e esquemas de cores. Isso, ela escreve, forçaria os alunos a "interpretar o mapa em termos de realidade" (McNEILL, 2018).

A própria Baber havia viajado pelo mundo. Entre 1899 e 1900, ela visitou a Ásia, as Ilhas do Pacífico, a Europa e o Oriente Médio e voltou com uma visão radicalmente nova acerca do trabalho de campo e o pensamento geográfico: ela queria usar a geografia como um meio de conectar o mundo, em vez de dominá-lo.

Em um artigo no *The Course of Study* (hoje chama-se *The Elementary School Journal*), em co-autoria com Wallace W. Atwood, Baber (1904) incentiva os professores a integrar a correspondência internacional com estudantes de países estrangeiros na sala de aula de geografia. Uma mulher criticando abertamente o imperialismo nas páginas de uma revista profissional não era uma ocorrência comum. Ainda no artigo, Baber articulou como os colonizadores europeus pegaram a geografia e a cartografia avançada dos povos indígenas e usaram as informações que eles forneceram para colonizá-los. No caso dos peruanos, ela escreveu: "Eles possuíam mapas políticos e de alívio de seu país, que eram de grande valor para seus destróieres" (BABER, 1904, p. 280 - tradução nossa).⁴

Essas atitudes progressistas também coloririam seu trabalho fora da educação. Em 1925, como presidente do comitê pan-americano da Liga Internacional para a Paz e a Liberdade das Mulheres, ela ajudou a investigar as condições no Haiti sob ocupação militar dos EUA a pedido dos haitianos, e coautor de um relatório pedindo o fim completo da guerra. Presença militar dos EUA no país. Um ano depois, ela representou as mulheres de Porto Rico na expansão do sufrágio para o território. Ela foi eleita membro da *Society of Women Geographers*, em 1927 e, em 1948, recebeu a Medalha de Ouro pela conquista da vida pela organização que fundou 40 anos antes, a *Chicago Geographic Society*.

Isso demonstra seu caráter combativo e emancipatório da luta pelos direitos iguais de gênero, vinculada à primeira onda do feminismo sufragista, além da defesa da mulher nos espaços acadêmicos. Além de seu ativismo feminista, a defesa de geografias de autoria feminina abriu portas para a atual geografia feminista atuar na contínua luta das mulheres. Por sua vez, sua geografia também foi atuante, com pesquisas no ensino e no campo da geografia física e geologia. Essa atuação em duas frentes reforça a importância dessa geógrafa e o quanto a historiografia tradicional invisibilizou seu pensamento e prática espacial engajada.

⁴ "They possessed relief and political maps of their country which were of great value to their destroyers."

Talvez o melhor exemplo da visão de mundo de Baber seja evidente em seu apelo por compartilhar conhecimentos e perspectivas entre os estudantes de geografia, em vez de permitir que eles se dividam. Correspondendo a estudantes de outros países, ela escreveu no *The Scope of Geography*, não apenas melhora o conhecimento acadêmico, mas “leva ao desenvolvimento de uma atitude fraterna em relação a todos os povos, um mundo de simpatia, que é um dos objetivos mais altos de nosso ensino.” (BABER, 1905, p. 291 - tradução nossa).⁵

Invisibilidade e emudecimento da geografia de Zonia Baber

O que se faz necessário revelar é o grande emudecimento que a geografia ortodoxa do século XIX impôs sobre as contribuições de mulheres em seu ambiente acadêmico. A partir da segunda metade do século XIX, a reputação da Geografia como um conhecimento suplementar para as conquistas ultramarinas das grandes potências e uma agregação de informações sem rigor científico referentes às regiões terrestres passou a ser cada vez mais insuficiente para legitimar seu papel como disciplina universitária (LIVINGSTONE, 2008).

O desafio inicial é trazer à superfície suas geografias e seus papéis no curso da história clássica da geografia, para depois, buscar estudar suas geografias, suas metodologias e pesquisas, para poder ser capaz de trazê-las para o debate historiográfico do pensamento geográfico. Embora as mulheres tenham se envolvido com mapeamento neste período, suas histórias foram amplamente ocultadas.

As historiografias oficiais contadas nos manuais da cartografia se concentraram nos homens e o nome de uma mulher raramente é encontrado. Em *Women in American Cartography*, Judith Tyner (2019) argumenta que as mulheres não foram deliberadamente apagadas, mas esquecidas por causa dos tipos de mapas que fizeram e dos empregos que ocupavam. Observando mais de cinquenta exemplares de mulheres na cartografia americana e em seus mapas ela foca nas professoras que fizeram atlas escolares no início do século XIX; em cartógrafas e ilustradoras de livros que criaram mapas populares; em mulheres que foram pioneiras no mapeamento social e persuasivo, promovendo causas como o sufrágio; em mulheres viajantes que gravaram suas viagens e mapearam lugares inexplorados; em mulheres cujos mapas ajudaram a vencer a Segunda Guerra Mundial; em mulheres acadêmicas que estudaram, ensinaram e escreveram sobre teoria cartográfica em faculdades e universidades; e em mulheres que trabalhavam em agências governamentais e empresas de mapeamento

⁵ “leads to the development of a fraternal attitude toward all peoples—a world of sympathy—which is one of the highest aims of our teaching.”

comercial. Estas são apenas algumas das histórias de mulheres na cartografia americana (TYNER, 2019).

O aflorado paternalismo da ciência geográfica, negligenciou contribuições importantíssimas para a epistemologia e método, que aceitas poderiam abrir novos horizontes, tanto no ensino quanto na prática geográfica. Entretanto, fomos presenteados com centenas de geógrafas desde o início do século XIX, por sua vez, foram invisibilizadas pela historiografia da geografia, não sendo estudadas nos bancos universitários do saber geográfico. Apenas de Ellen Churchill Semple se tem maior conhecimento, principalmente em virtude de ter sido difusora do pensamento de Ratzel, nos Estados Unidos. Em total oposto e essa parcial visibilidade de Semple, está Zonia Baber, profundamente negligenciada e tendo obra muito pouco reconhecida pela crítica historiográfica do pensamento geográfico.

Na geografia da época de Baber era comum a crença de que o ambiente determinava realizações naturais e culturais. Alimentados por essa ideologia, geógrafos e o público em geral acreditavam que a cultura ocidental era o epítome da conquista cultural. Essas crenças, por sua vez, justificaram o colonialismo ocidental, ocupando lugares que eram vistos pejorativamente como "menos civilizados" através das lentes de uma visão de mundo eurocêntrica - uma visão de mundo que Baber viria a desafiar (MONK; FRIEDBERG, 2011).

Sua postura anticolonial e contrária ao imperialismo vai trazer para sua geografia esquecimento por parte do cânone dominante, invisibilidade e emudecimento, semelhante ao que ocorreu com os geógrafos anarquistas Reclus e Kropotkin, no mesmo período, conforme demonstrou Cirqueira e Sposito (2019).

Durante seus cento e dezesseis anos de história, a Associação de Geógrafos Americanos (AAG) elegeu apenas quinze vezes uma presidente mulher, sendo doze destas escolhidas de 1990 até os dias atuais, o que demonstra o quanto a geografia era patriarcal no século XIX e mesmo no século XX, que passou pela revolução sexual e enfrentamento do machismo sobretudo após os anos de 1960. O mesmo histórico podemos encontrar na Sociedade Geográfica de Chicago (GSC), que fundada por Zonia Baber e outros geógrafos em 1898, esta e outras geógrafas só puderam participar como presidentes décadas mais tarde. A sociedade era uma organização de cientistas, exploradores, naturalistas e acadêmicos. Baber, primeiro sugeriu a formação de tal sociedade em fevereiro de 1898 (STEYSKAL, 1948). Mesmo que Baber tenha sido fundamental na fundação Sociedade Geográfica, ela não a presidiu até o ano de 1902.

Viajar, ensinar e obter seu diploma não a impediram de fundar a Sociedade Geográfica de Chicago. A ideia nasceu em 12 de janeiro de 1889, quando ela reuniu um grupo de educadores e apresentou uma ideia:

Sugiro a criação de uma Sociedade Geográfica em Chicago, semelhante à Sociedade Geográfica Nacional em Washington, que reunirá não apenas geógrafos profissionais, mas todos aqueles que viajam e estudam por prazer. Com palestras e excursões, o público pode trazer para entender a importância da geografia. (BABER, 1898, p. 8 - tradução nossa).⁶

Baber deixou sua marca como uma excelente docente em geografia atuando como professora do ensino de Geografia e Geologia no Colégio de Educação na Universidade de Chicago no período entre 1901 e 1921 e seus cursos incluíam fisiografia, geografia comercial e geografia política. Também ministrou cursos de verão em uma época em que era incomum as mulheres liderarem o trabalho de campo. Em 1904, ela guiou um curso de campo de verão que visitou o norte de Illinois, sul de Wisconsin, St. Paul, o rio Mississippi e o St. Louis Feira mundial. Em 1906, ela conduziu um curso de campo para Old Point Comfort, Virgínia. Baber foi uma professora muito audaciosa, e isso fica claro em um de seus artigos que escreveu intitulado *A Proposal for Renaming the Solar Circles* (1920), onde trazia uma análise de requisitos empíricos de sala de aula acerca da dificuldade de alunos em nomear os Trópicos de Câncer e Capricórnio, discorrendo acerca do problema e trazendo uma possível solução que seria renomeá-los para Trópico Solar Norte e Trópico Solar Sul, anulando a possibilidade de os trópicos terem os seus nomes confundidos pelos alunos (BABER, 1920).

Ela era apaixonada por educar o público e os alunos, dando palestras públicas regulares sobre geografia, bem como questões políticas que chamaram sua atenção. Ela pegou essa paixão da escola particular que dirigia e a trouxe para a universidade. Em 1895, ela começou a trabalhar no Departamento de Educação da Universidade de Chicago. Enquanto lecionava, ela mesma começou a ter aulas. Ela estava na primeira aula de geologia de campo que permitia mulheres (BABER, HUNTER, 2013).

Outro grande feito para a melhora no ensino acadêmico, quando as viagens de campo não eram possíveis, ela sustentava que os alunos precisavam de uma experiência prática com a ciência para ajudá-los a se conectar ao assunto em um nível mais pessoal, o que poderia ser realizado através de trabalhos de laboratório. Suas ideias sobre como conseguir isso eram muitas vezes criativas: em 1896, Baber patenteou uma mesa adequada especificamente para a geografia e suas "ciências afins", para que possam ser ensinadas "objetivamente por métodos avançados". A escrivaninha continha um receptáculo de argila, um poço de água e uma panela de areia, destinados a dar aos alunos os meios para criar suas próprias paisagens em miniatura (MCNEILL, 2018).

⁶ "I suggest the founding of a Geographic Society in Chicago, similar to the National Geographic Society in Washington, which will bring together not just professional geographers, but all those who travel and study for pleasure. With lectures and field excursions, the public may be brought to understand the importance of geography."

Enquanto lecionava na Universidade de Chicago, exerceu várias funções administrativas. Foi nomeada diretora *University Elementary School* (sob a dependência da Universidade de Chicago) por um ano em 1902. Três anos depois ela foi nomeada para a Comissão de Educação do Comitê de Extensão Universitária. Apesar da dura carga que a função de professora lhe incumbia, Baber contribuiu com vários artigos para revistas profissionais e apresentou artigos em jornais acadêmicos e eventos nacionais e internacionais, como o nono congresso internacional de geografia em Genebra, na Suíça (PITTSER, 1999).

Mesmo diante de todos esses grandes feitos para a sustentação da geografia, seja nas melhorias para o ensino ou na pesquisa científica, foi verificado que esta geógrafa foi praticamente negligenciada, com uma total ausência nas obras dos manuais de história do pensamento geográfico.

Conclusão

Sobre sua geografia há um intenso silêncio, evidenciando a negligência de suas obras, impossibilitando o debate teórico de sua geografia nos espaços acadêmicos e escolares. Essa mulher e muitas outras se portaram enquanto resistência insubmissa às ortodoxias do cânone geográfico, minando, de certa forma, a blindagem misógina da ciência clássica. Dela e de demais, nasceram as fontes contestatórias do patriarcado na geografia. A geografia de autoria feminina, feminista e de gênero de hoje é tributária desse legado, direta ou indiretamente. A geografia subversiva contemporânea é filha dessa geografia feminina clássica, apesar de estarem tão opostamente distantes. Mesmo assim, no caso do Brasil, suas geografias ainda estão silenciadas, e não participam da formação acadêmica de professoras e professores de geografia, permanecendo o hiato sobre o papel delas na história do pensamento geográfico.

Baber contribuiu tanto para a geografia escolar quanto para a geografia institucional acadêmico-científica, bem como, com a luta feminina por espaço na geografia. Ela também trabalhou para a formalização das associações, instituições que fortaleciam os alicerces da ciência, de seu crivo acadêmico; uma geógrafa feminista sufragista clássica. Daí talvez a dupla marginalidade de Baber: marginalidade da ativista convicta de sua importância; marginalidade da professora de geografia zelosa das suas idiossincrasias. Mesmo assim, seu nome é praticamente esquecido, negligenciado, sua voz emudecida, interferindo diretamente na maneira com a qual a geografia é ensinada nas escolas e universidades ou nos livros sobre a epistemologia e história da geografia.

A misoginia na historiografia e a ortodoxia do pensamento geográfico produziu déficit a renovação e desenvolvimento do conhecimento geográfico, afundando suas bases no

territorialismo e no imperialismo do início do século XX, vindo a sofrer críticas apenas na geração de 1970. A geografia feminista vai nascer neste período, e nos anos de 1990 ganha muita força, mas ainda não deu a devida atenção à recuperação dessas geografias da autoria feminina do passado. Há uma cartografia historiográfica a se escavar e levar à superfície.

Para futuras pesquisas fica o legado clássico dessas mulheres por ser reconhecido. O impacto desse absurdo silenciamento traz questões que refletem o quanto este foi um período negligente para com as mulheres e o quanto a geografia do período em questão era ortodoxa e patriarcal.

The invisibility of women in the history of geographical thought: the case of Mary Arizona (Zonia) Baber

Abstract: The American geography of the late 19th and early 20th centuries has been a pioneer in opening doors for the participation of women in institutionalized academic spaces. Despite the imposition of gender roles, women geographers have made major advances in research, teaching and geographic thinking. This work aims at bringing to the surface the presence of Mary Arizona Baber, known as Zonia Baber. Baber engages in feminist activism and in the struggle for professional space for women, as well as for the female presence in the academic spaces of the traditional geography of her time. She is a pioneer in establishing a geography of female authorship committed to the struggle for women's liberation. Long before the radical turn of feminist and gender geography, which is from the late 1980s, Baber brought up ruptures and emancipatory reflections in the face of a patriarchal and misogynistic geography. However, her work has been severely neglected, subjected to invisibility and epistemic violence due to the orthodox institutional canon of geographic historiography. Mapping the trajectory of this geographer neglected by the dominant historiography is paramount for reflecting on the silencing of women in the theory of geographic knowledge.

Keywords: Women's invisibility. History of geography. Zonia Baber.

La invisibilidad de la mujer en la historia del pensamiento geográfico: el caso de Mary Arizona (Zonia) Baber

Resumen: La geografía estadounidense del final del siglo XIX e inicio del siglo XX fue la pionera en abrir las puertas para la participación de la mujer en los espacios académicos institucionalizados. Pese a la imposición de papeles de género, las geógrafas protagonizaron grandes avances en las pesquisas, en la enseñanza y en el pensamiento geográfico. Ese trabajo tiene como propuesta traer a la superficie la presencia de Mary Arizona Baber, conocida como Zonia Baber. Esa geógrafa se involucró en la militancia feminista y en la lucha por el espacio profesional de la mujer, así como por la presencia femenina en los espacios académicos de una geografía tradicional de su época. Ella fue pionera en la constitución de una geografía de autoría femenina comprometida con la lucha de la liberación de las mujeres. Bien antes del giro radical de la geografía feminista de género que es del final de los años 1980, Baber ya traía rupturas a su tiempo y reflexiones emancipatorias frente a una geografía patriarcal y misógina. Sin embargo, su obra fue duramente negligenciada, sufriendo invisibilidad y violencia epistémica por el canon institucional ortodoxo de la historiografía geográfica. Cartografiar el trayecto de esta geógrafa negligenciada por la historiografía dominante se pone como fundamental para que se pueda reflejar acerca del silenciamento de las mujeres en la teoría del conocimiento geográfico.

Palabras clave: Invisibilidad de la mujer. Historia de la geografía. Zonia Baber.

Referências

- BABER, Z. The Scope of Geography. **The Elementary School Teacher**, vol. 4, n. 5, 1904, p. 271 - 282.
- BABER, Z. The Scope of Geography. **Journal of Geography**, vol. 4, n. 9, 1905, p. 386 - 396.
- BABER, Z. Lost Opportunities in Teaching Geography. **Journal of Geography**, vol. 14, n. 8, 1916, p. 295 - 298.
- BABER, Z. A Proposal for Renaming the Solar Circles. **Journal of Geography**, vol. 19, n. 7, 1920, p. 245 - 249.
- BABER, Z.; HUNTER, D. **The Public May Be Brought to Understand the Importance of Geography**. Scientific American Blog, Nature Publishing Group, 2013.
- BARROS, M. As mulheres do Harvard College Observatory: Henrietta Swan Leavitt - a mulher que descobriu como medir a distância das galáxias. **História da Ciência e Ensino: construindo interfaces**, vol. 18, 2018, p. 12 - 21.
- BLUNT, A.; WILLS, J. **Dissident geographies: an introduction to radical ideas and practices**. Edimburgo: Person Education Limited, 2000.
- CIRQUEIRA, J. V. **Geografias subterrâneas**. Para ensinar uma prática geográfica nas trincheiras da anarquia. União da Vitória: Monstro dos Mares, 2018.
- CIRQUEIRA, J. V.; SPOSITO, E. S. **Geograficidade**. Modo de ser, experiência e prática espacial. Curitiba: Appris, 2019.
- FEYERABEND, P. **Contra o método**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- McDOWELL, L. **Gender, identity and place: understanding feminist geographies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.
- McNEILL, L. **The Woman Who Transformed How We Teach Geography**. Smithsonian Magazine, São Paulo, 18 de jan. de 2018. Disponível em: <<https://www.smithsonianmag.com/science/woman-who-transformed-how-we-teach-geography-180967859/>>. Acesso em: 20 de mar. de 2020.
- MENEZES, L. Mulheres e pesquisa em ciências exatas da universidade federal da Bahia: uma análise preliminar. **Anais do Fazendo Gênero 10**, Florianópolis: UFSC, 2013, p. 1 - 11.
- LIVINGSTONE, D. **The Geographical Tradition**. Episodes in the History of a Contested Enterprise. Malden. Oxford: Blackwell, 2008.
- MASSEY, D. **Pelo espaço**. Uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MASSEY, D. **Space, place and gender**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

MONK, J. Women, Gender, and the Histories of American Geography. **Annals of the AAG**, nº 1, march, 2004, p. 1 - 22.

MONK, J.; FRIEDBERG, M. Mary Arizona (Zonia) Baber. **Geographers Bibliographical Studies**, vol. 30, New York: Bloomsbury, 2011, p. 68 - 79.

MOREIRA, R. **O que é geografia**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ONFRAY, M. **Contra-história da filosofia**. As sabedorias antigas. Vol. 1. São Paulo: 2008.

PITTSER S. Early Women Geography Educators, 1783-1932, **Journal of Geography**, 98:6, 1999, p. 302 - 307.

REED, H. Women's Work at Harvard Observatory, **New England Magazine**, n. 166, 1892. Disponível em: <http://nrs.harvard.edu/urn:3:FCORWOLBACH:2177395>

SCHIEBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru: EDUSC, 2001.

SOUSA, F. A personagem Lou como transgressora das normas sociais impostas à mulher no século XIX em humana, demasiado, humana. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 29, n. 2 - jul./dez. 2016, p. 112 - 123.

SILVA, J. M (Org.). **Geografias subversivas**. Discursos sobre espaço, gênero e sexualidade. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

SPIVAK, G. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

TYNER, J. **Women in American Cartography**. Lanham: Lexington Books, 2019.

TRISTAN, F. **União operária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

Sobre os autores

José Vandério Cirqueira - Ativista anarquista. Doutor em geografia pela Unesp, professor do quadro permanente do Instituto Federal de Brasília, campus Riacho Fundo, onde atua no ensino técnico integrado e na licenciatura em geografia, nas disciplinas de história do pensamento geográfico e teoria e método em geografia. Faz parte do GEOTECER, Grupo de Pesquisa Geografia, Território, Ensino e Cerrado, desenvolvendo pesquisas no campo da teoria e prática espacial cerradeira.

Wallace Vitor Leão Feitosa - Graduando em geografia do Instituto Federal de Brasília, campus Riacho Fundo, desenvolve pesquisa de iniciação científica no GEOTECER, Grupo de Pesquisa Geografia, Território, Ensino e Cerrado.

Recebido para avaliação em agosto de 2020
Aceito para publicação em outubro de 2020